

Pedro Magalhães Coordenador das sondagens ICS-ISCTE

Segunda volta “não pode ser posta de parte”

É sempre difícil para as sondagens captar a abstenção, mas em plena pandemia tudo é ainda mais imprevisível, alerta Pedro Magalhães.

■ Estando nós em pandemia, até onde podemos ter surpresas nos resultados, se a participação for mais baixa do que previsto?

■ A incerteza aumenta quanto maior for a abstenção. É sempre difícil para as sondagens captar o fenómeno da abstenção, seja porque as pessoas que se abstêm tendem também a não responder a sondagens, seja porque nas suas respostas sobrestimam até que ponto irão realmente votar, seja ainda porque o voto é visto como um dever cívico e não é fácil assumir perante um inquiridor que na verdade não existe grande intenção de ir votar... Na medida em que essas pessoas sejam diferentes daqueles que acabam mesmo por ir votar, e quanto mais expressivo for este fenómeno, mais provável é que ocorram surpresas. A isto acresce agora a pandemia, que aumenta ainda mais a incerteza, seja porque há pessoas que tencionavam de facto ir votar mas não o poderão fazer por terem ficado entretanto em isolamento, seja porque o agravamento da situação epidemiológica os faz reconsiderar a decisão de ter de votar. Até agora, as análises existen-

tes de eleições ocorridas durante a pandemia não dão sinais inequívocos. Em Espanha, na Galiza e no País Basco, a abstenção aumentou nas zonas onde havia mais casos e óbitos, mas não parece ter afetado a participação dos mais velhos, por exemplo. E curiosamente, em França, os estudos sobre as eleições locais mostram que a abstenção foi mais baixa (ou aumentou menos) nas zonas onde as pessoas tinham estado sujeitas a medidas de confinamento mais restritivas há mais tempo. Mas são poucos casos para podermos tirar grandes conclusões.

■ Para lá da pandemia, há outros fatores de incerteza?

■ Por um lado, quando a abstenção é muito alta, os eleitores que acabam por ir votar tendem também a ser os que mais se interessam pela política. Um dos resultados interessantes desta última sondagem que realizámos é que os inquiridos mais instruídos e mais interessados na campanha dizem-se significativamente mais indecisos sobre como irão votar do que os restantes. Isto pode implicar que tomarão decisões de última hora, estratégicas, para evitar um determinado desfecho ou favorecer outro, que podem trazer surpresas adicionais em relação ao que vai sendo captado no trabalho de campo das sondagens. Por outro lado, temos a circunstância

de haver um candidato que tem tomado posições controversas e feito afirmações polémicas, e que essas posições e afirmações têm sido criticadas pelos restantes candidatos e por uma parte importante da opinião na comunicação social. Noutros contextos, sabemos que isso contribuiu para que parte dos apoiantes mais fiéis de candidatos com este perfil tendessem a recusar participar nas sondagens promovidas por essa mesma comunicação social, ou até a participar mas ocultando as suas preferências quando são inquiridos. Mas esse padrão, sendo comum, não é universal, e a experiência portuguesa com esta situação é recente.

■ Há informação que nos permita antever que existam candidatos mais prejudicados pela abstenção do que outros?

■ Na sondagem que realizámos, verifica-se que, quanto mais “apertamos” os critérios para definir aquilo que seria o “votante provável”, menor a proporção de inquiridos que indicam tencionar votar em Marcelo Rebelo de Sousa. É normal que assim seja: a perceção de que a sua vitória é altamente provável é desmobilizadora para pessoas que, noutras circunstâncias, estariam mais convictas da necessidade do seu voto. Além disso, quando perguntamos aos diferentes grupos de inquiridos qual

Data: 22.01.2021

Título: Segunda volta "não pode ser posta de parte"

Pub:

Expresso

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 9

o seu grau de interesse pela campanha — um possível indicador da sua mobilização —, os que indicam votar em Marcelo ou especialmente em Marisa Matias dizem-se menos interessados em comparação com os outros grupos de eleitores, especialmente os que indicam tencionar votar Tiago Mayan ou João Ferreira. Isso é uma indicação a tomar em conta na leitura dos resultados das sondagens. Finalmente, sabemos que a idade é um dos fatores que mais explica a participação eleitoral e que há grupos etários onde alguns candidatos têm mais apoio do que outros. Por exemplo, Marcelo tem mais apoio entre o eleitorado mais idoso. Contudo, a pressuposição de que a pandemia irá diminuir a propensão destes eleitores para votar pode ser incorreta, como sucedeu no caso espanhol.

▣ Nestas circunstâncias, os partidos novos podem estar

subavaliados?

▣ O forte interesse pela campanha daqueles que indicaram tencionar votar em Tiago Mayan sugere que os seus resultados possam ser melhores do que o previsto se a abstenção for muito alta. Quanto a André Ventura, existe a hipótese de que as sondagens o subestimem pelas razões descritas acima. Mas reforço que não passa de uma hipótese, baseada nalguns casos internacionais, que podem não ter relevância para o nosso caso concreto.

▣ Surpreendia-vos se, da noite de domingo, saísse uma segunda volta?

▣ Se os níveis de abstenção forem aqueles que alguns observadores têm indicado como possíveis à luz de eleições anteriores, bem acima dos 70%, e se forem ainda mais amplificadas pela pandemia, esse cenário não pode ser colocado de parte.